

O VITORÓRÓ.

REVISTA

SCIENTIFICO, POLITICO, LITTERARIO E ARTISTICO.

ANNO I. SANTOS — QUARTA FEIRA 1. DE FEVEREIRO DE 1869. N. 11

APONTAMENTOS HISTORICOS COSMICOS.

II. — História

do sistema solar.

IV

do sistema solar.

Desejando atingir o resultado que pretendíamos, em que foi definitivamente consolidado o sistema heliocentrico — um portunteriormente enunciado — e os resultados de distressas a que nos levaram as reflexões filosoficas, que nos proporcionaram oportunas, acabámos d'esboçar, foi-nos possível a essência chitonologica, precipitando nossa analyse.

Devemos, em consequencia disso, traçar um pouco, e procurar, quanto nos for possível, pôr em evidencia o sistema de Ticho-Brahe e Copérnico, para poderem comparar-se os que temos já enunciado — o de Platão — o de Ptolomeu — e o nosso.

Mas para isso proponho-me, em vez daquela que deixamo-enunciada a doutrina aristotelica, que considerava os planetas dentro de solidos crystallinos; assim como fizemos no sistema dos Astronomos, entre os quais citamos Purbach, que entretanto agora, que Purbach já não é mais, defende essa celebre concepção, cosmológica. Este Astronomo assentava que os planetas deviam ter suas esferas solidas concentricas, impossível de sair de sua órbita, — e que o planeta estaria sempre atraiido o sufragio gravitacional de tantas divergentes, e os levava ao seu estabelecimento de rota. Heraclito, Pythagoras, cujas vestas concepções eram muito mais simples, e que eram as esferas que compõem a estrutura do Universo, e que o planeta era um deles, não só

esta crença de cossos celestes dentro de solidos crystallinos. Deixou de ser acreditada em todas as epochas posteriores a Aristoteles, Euclides, Cicero, Vitruvio, e o 15.^o século da era vulgar já mostrava que o sistema aristotelico tornava mais maluco — cada planeta devia ter sua esfera solidissima, e semelhante, pois se desse o caso

— Eles eram os meus amigos.

— Era n'um dia que eu me povoava de bello, nobre, rico, grande, mas apesar de tanta beleza e riqueza, por que, vendo o apparcer, não houvia medo que de assustar, e por que molheir, um por que não tremesse por medo, lha, um amiss que não tremesse por medo de amar. Cumprá, porém, dizer que logo mal querer, e reprovar, d'um moço como que o inspirava. Esse mal grande é o sen armado que é, a quem chama Raymundo o Bastardo.

— Raymundo? — Roaldo exclamou a regente, esse que fu assassinado no teatro?

— Esse sim.

— Conheço-o — disse-me.

— Sou eu.

— Não o entendo — respondeu o Pizzetti exclamou a duqueza.

— Sou eu — respondendo e desconhecido com a maior calma.

— Então, por que me dizes, visto que já começaste a fazer justiça por vós mesmos?

— Vim pedir-lhe que que se recusasse a mim.

— E o que virá a reclamar, Roaldo?

— A melhor parte da minha vingança, senhora, Raymundo o Bastardo não é, senão o instrutor que me ensinou a ser criminoso.

(Continua.)

POESIA.

■ ■ ■ ■ ■

A rosa que é a tua face amarela
Nem quanto a tua face é mais bela.

— 343.

Como tu és bela minha amada!
Como o sol é belo no céu!
Que fez tu para ser bela?
Que bello é o teu semblante!
Uma beijação tua é bela,
Tão corada como a rosa.
Sua graça — tão natural...
Tanta beleza — meu Deus!
São assim os olhos teus?
Têm assim a tua face?
Têm doceza tua face?
Da viola é tua face.
É tua face a flor da primavera.
Na primavera é tua face.
Tem deza tua face?
E um sorriso que é deza.
Que Deus é que tem deza?
Senti a tua face deza.
A tua face é deza.
Tudo é deza tua face.
E' deza tua face.
Como é deza tua face?
Em que é deza tua face?
No pôr do sol é deza tua face.

Nos seus lábios — um sorriso.
É a graça do paraíso —
Que arrebata o coração! —
É uma pombinha inocente,
Uma estrela resplandente
De divina inspiração! —

Como é bela minha amada,
Como o seu riso é galante,
Que face tão engraçada,
Que bello e meigo semblante!
Uma boquinha mimosa
Tão corada como a rosa,
Sua graça — tão natural...
Tanta beleza — meu Deus!
São assim os olhos teus?
Têm assim beleza igual?...
— São Paulo — 1859.

Antônio Manoel dos Reis

Errata.

No numero 9, pag. 2, l. 46, em vez de — Philolo — leia-se — Philoloco.
No presente numero, pag. 6, l. 25, em vez de — Divadense — leia-se — Divadensis.
No numero 8, l. 44, em vez de — a exequia — leia-se — a exemplo.

— 344 — Fvg. de Vaqueiro & Lamego

— O senhor é um...
 — Pedi para falar...
 — Primeira condição.
 — Deixai-nos, D. Luís...
 O ministro inclinou-se...
 O desconhecido achegou-se ao regente, separado d'ella unicamente por um genuflexorio, sobre o qual via-se o escudo do Evangelho e um crucifixo.

A regente lançou um olhar rápido sobre o seu interlocutor. Era um homem de trinta a trinta e cinco annos de estatura mais que mediana, tez repenada, cabellos negros caídos em um turmão sobre os hombros, e olhos ardentes que exprimao ao mesmo tempo a infâmia e a temeridade; como todos os montanhosos, era bem feito, e as suas mãos e os seus membros bem proporcionados de via ser rico de destraças e astúcia.

— Quem sois e d'onde vistes? pergunta o regente.

— Que vos importa meu nome e nascimento? disse o desconhecido; que vos importa o paiz donde nasci? Sou eu devo isto por dizer, escravo da minha palavra... Eis o que vos interessá: só a tua verdade!

— E vos prometteis-me entregar Rocco del Pizzo?

— Prometto.

— E em troca o que vos queres tu?

— Justiça.

— Fazer justiça é um dever; já, não, e não uma recompensa que devo dar.

— Sim, bem sei que está a um das vossas pretensões, de vós outros soberanos; presumi-vos tão inteiros quanto Salomão; infelizmente a vossa justiça tem dois pesos e duas medidas.

— Como assim?

— Sim, sim; pesada para os pequenos e leve para os grandes, continuou o desconhecido. Eis o que se a vossa justiça.

— Não tendes razão, senhor; redarguo a regente; a minha justiça é igual para todos, e dar-vos-hei uma prova disso. Ildor, em favor de quem pêdis justiça?

— Em favor de minha mãe, evidentemente enganada.

— Por quem?

— Por um dos vossos... pais.

— Qual?

— Oh! um dos mais grossos, dos mais belos, mas dos mais nobres! — Ah! esperei... parece-me que Vossa Alteza prometeu a hesitar!

— Não; desejo somente saber primeiramente o que elle fez...

— E se o que elle fizera me obriga a morrer, terei em sua cabeça, em troca da cabeça de Rocco del Pizzo?

— Mas, perguntou a duquesa, premiando de ser o juiz da gravidade do crime?

O desconhecido hesitou um momento; depois, encarando fixamente a regente, disse:

— A consciencia de Vossa Alteza.

— Então confias n'ella?

— Inteiramente.

— Tendes razão.

— Assim pois, se Vossa Alteza... — isto é, em capital, terei sua cabeça em troca da de Rocco del Pizzo?

— Eu vol-o juro.

— Sobre o que?

— Sobre este Evangelho e sobre esta imagem de Christo.

— Está bem. E então, minha senhora, pois que é uma historia que eu vou contar-vos.

— Eu vos escuto.

— Nossa familia habita num castelo isolado, à meia legua da aldeia de Rosarno, situada entre Cosenza e o mar Ioniano; ella se compõe de douz velhos, meu pa e minha mãe; de douz meninos, ja nher ame e eu. Minha irmã chama-se Constantza. Em torno de nos habitam os barões e os dominios de um poderoso fidalgo, em cujas terras o acago o sinto respeito, e de quem por conseguinte somos vassallos.

— Como se chama esse nobre?

— Dir-vos-hei primeiramente depois seu nome.

Ora, é certo que não havia tanta opulência entre os servos de um papa de pedir a indulgência, mas o império da compunção, e em cada borboleta, para fazer-lhe compreender que os pedentes são quase sempre mais ricos do que os que dão. Eles não queriam se conformar com isso; proferia exclamações acerca das suas miséria, roubadas, e não respondia senão com pensamentos de alento fúnebre, de que muitos achavam os os subcündigos Benedictinos.

Transperdi-me no dia no convento da Ajuda e ao de Santa Thereza. Conta-lhe que ali, num viva regular como um relógio de Breguet, grande número de mulheres, encerradas para sempre, entretêm a sua existência confecionando excellentes desenhadores artifícios de escamas de peixes, de palha ou de penas graciosamente trançadas; apelhindo-se, cantando e orando por penitentes que jamais hão de vir, assim como pela absolvção de peccados que elas talvez adivinhão.

Não vi o dia de Santa Theresia, sem galgar esse rápido declive ao longo do qual corre o aqueduto que abastece a cidade de uma água fresca e limpida; e quando tendes chegado à sua nascente, não podeis resistir ao desejo de escalar o monte Corcovado, e onde se desenha o mais admirável panorama do mundo. Descerdes, algures, — e d'esse dia em que hoje rola em torno de mim?

Dubri-me haveria encantado diante de tantos esplendores; mas o sol se nos amotilava verticalmente e descemos pela costa. Saudei com a mão a antiga vivenda do bravo general Horendorp, e voltámos ao hotel «La Bourse», onde parecia haverem adivinhado que este delicioso passeio nos havia dado grande appetite.

Na nossa marcha não ouvimos nem vimos mais do que meia duzia de cobras; dar-se-há caso que o Brasil empobreça? Esta ameaçadora penuria, assignalosa, seria attenção do legislador e dos proprietários que vivem sem vizinhos, sem companheiros de cestarias ou de descanso.

P. S. Sei hoje, 15 de Março de 1834, que Mr. Blanchard, de quem já vos falei, foi nomeado consul para o Rio de Janeiro... Deverá pôr luto em Valparaíso, e no Brasil completo será o regozijo.

Continua.

O CASAMENTO SOBRE O CADAFALSO.

POR

ALEXANDRE DUMAS.

O ministro, um desconhecido entraria; posto, porém, fosse esta provavelmente a primeira vez que este homem se achasse em face de uma tão poderosa princesa, não pareceu de modo algum embracado, e após a haver saudado com certa rudeza, que entretanto não era de grande conveniência, conservou-se de pé, imóvel e mudido, esperando que os interrogassem.

—Sóis vós, então, disse a duquesa, quem se compromette a entregar Rocco del Pizzo?

—Sim, — respondeu o desconhecido.

—E está certo de cumprir vossa promessa?

—Offereço-me como penhor.

—Assim só o credor...

—Pagará pelo meu — em saltar à minha palavra.

—Entretanto — se não vem a ser absolutamente a mesma causa, disse o regente,

—Não posso deixar mais, — respondeu o desconhecido.

—Então dize o que de quais?

—Eu pedi permissão de sair com Vossa Alteza.

operações a rendida, e
prometter a M.^{me} Leoni
Brasil fôra idênticamente
embarço de todas as vi-
carias esquecer-vos.

Laforge... meu mestre
semelhos em aperiar a v-

— Ah! senhor, exclamou
zendo o povo se precipita-

— Entraremos com o po-
um resto alegre e fris-
passaros, e soberana des-
nhas, alegres e zombetí-
gem abaixar a calica.

Mas sempre Franc-
vogons.

De resto, desafio-vos
a M.^{me} Dubois, que é de-
certo formarei a vѣr.

Mudemos de rame... o
nome não é nem franc-
far boas escolhas... Den-

Mr. Mongie me con-
cate, e eu não sou d'aque-

Mas o calor era esmu-
eu condore-me d'elle.

— Vamos, lhe disse.

— Rua d'Alfandega, n.

— Pois bem, estamos.

— Hotel «La Bour-

— A nossa estúdere,
temos todavia o hotel —
tas; em todo o caso, ap-

Subimos ao primeiro
quartos e um almoço trou-

lidos ser servidos no m-

noso encontro com uns

— Ainda franceses?

— Senhor Arago, meus
vos de encontrar compati-

— Não, de certo, sem
parar ao menos para a

— Olá descanhar, obri-
gou da vossa ultima

qual o meio de falar
Alfandega, em casa de M.^{me}
em parte alguma, em re-
sulta, uma solicitude
de casa que saiu
capaz de vos tornar gemitos
todes saudades d'ella,

Quanto a mim, savolti
na rua da Alfandega, e
recomendada nos

— Esta tarde, mas no
muito nessa record.

O dia apenas despo-
sou encobrir o país, e
que a gente desapare-

— Onde andarei? — disse
— Vou a Paris e encontrarei
o que quero... — Difesa Fommel
que o que queria deixar em pre-

— Eu fui aí, e nos museus no Rive. Apertei
a mão a minha camarada.

— Vou aí com certeza, num joga com bazar
que é com tempo.

— Vou aí... — A primaria golpe de vista
que é a floresta de flores, de capelas, de
que descoonta raparigas, tagarellas, riso-
sudos, que desquezes, e que todayia fin-

— Vou aí, e fazer desesperar do interesse das

Riv, de modo ades fazer uma estirada visita
nos muitos amores e que em de-

— La librairie, livraria-editor pe este

— Vou aí, mas elle imprime propaga-

ção, que é a atençao miniforme
que é a mesma que nos.

— Vou aí, e tornando mais pesado

que é a maior pression.

— Vou aí, e distâncias, e optamente
que é a blusa que não segue de bolo pra

que é a blusa.

— Vou aí, e estimação, e des-

tação, e desconfiança, e que é a vinci-

— Vou aí, e a compaixão, e medo,

que é a medo, que é a medo,

$$V_0 \rightarrow -$$

BRASIL

$$F_{\alpha\beta\gamma\delta}(x_1,x_2,x_3,x_4)$$

— Entrejet
duvidar de que
— Senhor, os
objectos de que
Janerio —
— Entretanto
ou sombra
é Mafra.
— Oh! em
informações
industriais.

— Vou mandar o Brasil à meu amigo, e eis que elle começará
nos dizer tantíssimas.
— E é que esse é — ele em tom de mofa, um negociante de
lata, — tipo brasileiro! creio que não veremos no Rio da
mão.

— Ainda — transformam, a exemplos dos homens
de fato, continuemos sempre.

— Que boa hora, protector generoso que da redi-
ção, só temos os mortos ou desamparados; em boa hora,
que é a hora da perfeição, e farto das suas anteriores.

mo modelo — o Arqueto — e é sempre o topo de que se mai sublima, talvez o mais grandioso poeta.

A scencia, criação, não tem o menor rival, nem o menor desafio, na sua longa travessia pelo campo das ciências.

A poesia, sonho gigante, é a que, em seu tempo, fez da jardim de Adão desabrigada, Edén, onde o pensamento se abriga, resolvia, num atmosphera de saudade, doçuras.

A scencia, profunda, das coisas do Eterno, visto como o espaço, luminosa como o sol, e o alçar da céleste dimensão da razão dos domínios intelectuais passa as suas vistos d'água, por entre os desbordes das sebes.

A poesia, criadora, é a que, na bela como a fata, consoladora como a religião, e o palacio encantado, encanta, encantada fantasia, onde, armada da sua varinha de condão, esta sultana das maravilhas, desenrola ante vossos olhos um mundo de maravilhas e prodígios.

A scencia, paciente, triste, séria, enigmática, perscrutadora, audaz, incansável, revolve folha á folha o manto obscuro da natureza, procura penetrar o misterio vivo que denominão homem — tenta em ascender ás alturas inacessíveis onde paira o exelso trono do rei dos céus.

A poesia, sensivel, calorosa, alegre, suave, cheia de fe e esperança, expansiva, fascinante, grandiloqua, suspira, e é contínua. Sua missão é levantar hósannas ao criador, extasiando-se ante os prodígios da criação.

A scencia é o culto da razão, e a poesia, na sua fronte augusta cinge uma aureola de pureza virginal e pronta. O belo, e consiste num a sinta nudez.

A poesia é a religião do belo, esse tipo ideal da estheticá.

A scencia mergulha n'escritórios da terra, e alevina nas profundezas do oceano, esparze seus raios pelo mundo os deuses das áres.

A poesia descreve as batalhas, despi tra sua punta os horrores do inferno, povoa de jerarchias o céo.

A scencia prolonga o braço do deus, ou lhe estanca as fontes; não triunpha da morte, restando o deus destruído por ella cortado, mas embarga o passo á sua obra de destruição, conservando intactas durante séculos as suas mais preciosas victimas.

A poesia encanta e alivia, e a desarma a morte e mitiga a dor dos seus fúnebres golpes.

A scencia faz a autopsia das mortes, compõe a biographia da Humanidade, mença o escálpelio e a sanguinosa esfa de corpo, inunda de luz o antro escuro do espírito.

A poesia divinisa o amor, os sentimentos á liberdade, forma da patria um ídolo, faz a apoteose da gloria.

A scencia conta, nos célos, os apóstolos, numerosos martyres, heróes que se sacrificaram por amar ás ideias, entre tantos outros, Socrates, Platão, Galileu, Bacon, Condorcet, Buffon, Thibet.

A poesia tem sido um sacrifício para muitos dos seus mais illustres sacerdotes. Figurão no numero de suas victimas das Musas, entre outros nomes igualmente celebres, o de Shakespeare, Bosso, Dante, Milton, André Chemier e Lamartine.

A scencia é a Minerva.

A poesia é o Apollo.

A scencia é o resultado da verdadeira criação do homem.

A poesia é a inspiração.

A scencia, positiva, é a razão, as respirações, escrúpulos, a razão, os adeptos, espírito solitário.

A poesia, attractiva, é a paixão, as paixões, risonha á vida, o amor, o orgulho e fúria.

A scencia é a cultura, a cultura no estudo da

lascivie, do esforço, da applicação, e uma

luta com o dom da natureza antes de tudo. A scencia, nos seus raciocínios, seria nas suas teorias, e os progressos, requer nos seus resultados, intelligencia profunda.

A poesia, em seu atojo, encena nas suas tragédias, e as comedias, demanda nos seus cultos, e nos seus movimentos,

uma espécie de aparelho, e planta que deve ser

immortais predileccio que ainda acorcentao a scienca, ainda que magis longe da humana!... E o oceano — um fundo quanto mais explorado mais se sombra!... os phisicistas atropelados que nolle se atirao, tanto se dedicaram á sua escassa que, amad, extenuados de fatigas e fides, nolle pereceram!... Na viagem de sua trascendencia para esse horizonte fugaz dos prodigiosos segredos da natureza, os phisicistas mais profundos e de moral religiosa mais decidida, observando seu solpes mais certeiros resvalarem de encontro as muralhas da cidadella que guarda os segredos da Omnipotencia, sentao-se á beira das concavidades que nao podem aprofundar, e sobre suas lyras entoão hymnos de adoração! A quelle unico possuidor dos mysterios que se furtão a todas as vistas!

O conjunto de palavras forma as linguagens das diversas nações. As linguas podem ser o objecto de dous estudos distintos: o linguistico, que as considera em suas relações e materiaes, e as acompanha nas suas assemelhações e variações; a grammatica que as estuda em suas correlações com o pensamento.

Contão-se no mundo mais de duas mil linguas. Os sabios tentáron classificar as linguagens. Adelung divide-as em monosyllabicas e polysyllabicas: elle subdivide as primeiras em duas famílias, a chinesa e a thibetense, segundo seus signaes gráficos, se se compõe de uma palavra ou syllaba; as segundas em quatro grandes classes: a indo, a europea, a asiatica, a africana, a americana.

Balbi em seu *Atlas ethnographico* as distribue em cinco classes, correspondentes ás cinco partes do mundo d'onde são oriundas. Adopta-se o sistema deste.

Divide-se as linguagens em primitivas, derivadas, analyticas ou directas.

Os philosophos atribuem as diferenças das linguas ao clima, á organisação, ás emigrações e á diversas outras circunstancias. As santas Escripturas nol-o explicão pelo evento miraculoso da confusão das linguas na occasião da construcção da torre de Babel.

Alguns philosophos, J. Wilkins, Leibnitz, Sotos, Ochando, etc. apresentáron o projecto de uma lingua universal. Outros considerão este projecto uma chimera.

Nesse litar afanozo da philosophia em busca da verdade, considerando as varias peripécias que marcam sua carreira, as epochas de seu maior brilhantismo, segui-las logo de outras de espessas e impenetraveis trevas, suas oscillações, suas duvidas, suas quebas, ficamos convictos que nada podem os homens por si fazer, que o espirito mais robusto e investigador se perde quando não allia os esforços com a religião e com a fé mais inabalavel em Deos.

Continua.

A SCIECIA E A POESIA.

Filhas que se apoiam no infinito, nascidas sob a inspiração do céo, a scienza e a poesia, e que, sempre rodeadas do machismo da civilisação, marchando por vias diversas, se dirigem, todavia, para o mesmo fim — a perfeição, e miram uma mes-

do estado de cintura, e embora na sociedade haja feito no decurso de milhares de anos, que os homens queiram ou não, uma arte tão difícil como a da palavra? A arte da palavra presupõe a reflexão, combinações de idéias, respeito às idéias abstratas, ainda que pobre, das qualidades, que deve ser perfeita beleza, partes essenciais das qualidades, que serão possíveis sem a ajuda da palavra, quando se pensa por intermédio das imagens sensíveis?

O autor junta a essa prece a reflexão seguinte tirada dos atributos de Deus: Como poderiam os peles que admitem a criação do homem por um — Ser — bom e salvo, um ser que Deus o tivesse criado para a sociedade sem o meio preciso para a mesma a sociedade, e que o gênero humano tivesse vegetado miseravelmente durante uma longa série de séculos, aguardando a invenção e a formação da lei? 12

Das considerações que preceveu o autor conclui que era impossível que o homem inventasse a sua língua portanto, Deus quem lhe comunicou uma linguagem para falar.

Essa teoria da origem das ideias¹ tem suas amplas eivas e consequências seguintes sobre a origem das ideias.² Nesta linha primitiva foi concedida ao homem por seu criador, essa liberdade de ação dar-lhe igualmente um certo número de verdades primitivas. E estas, em primeiro lugar na comunicação ou revelação divina, edificam o fundamento da palavra, que se deve procurar a fonte e origem das primeiras ideias, que servem de base à ordem moral e social.

Os factos se harmonizam perfeitamente com esta teoria, 1.º porque todos os povos da antiguidade adoravam as comunicações de Deus com os homens; o Genesis faz d'isso alusão de b. 2.º é um facto averiguado que os pais transmittem a seus filhos, e isto é o que aqui se trata, e nunca que elas fossem descobertas por: 3.º é a prova.

Damiron em seu *Tratado de estudos da philosophie em França no decimo nono século*, não põe a opinião de De Bonald, e não a considera nem bastante clara, para tanto estabelecer para que se admitta. Ele propõe uma outra opinião, que é a seguinte: — o orgão vocal é com particularidade muito propenso a esta extrema flexibilidade para receber e exprimir as impressões, e isto é devido, pois, que o pensamento se põe em harmonia com essas impressões e principalmente com os sons ; por este modo o pensamento se manifesta, se torna sensível, se percebe, se pronuncia por meio da expressão da voz, e isto é o que se intitula ora —

Esta explicação, apesar de haver somente falhas e erros, é reconhecida como a mais plausível.

Todas essas decisões devem ser tomadas com o maior cuidado, para demonstrar que o nível de risco é aceitável e que o custo é razoável.

da palavra, que é o seu efeito de trovão, enunciado, no combate se da natureza contra os céus, além do que, mais do potenteado, e formando vasta concordância com o seu proprio. A distâncias, o tempo, o espaço, tudo foi subjugado.

A palavra, tornada em eletricidade, um de seus veículos, transpõe a rapidez pronta de todos os angulos do orbe; ella atravessa desertos, aprofunda profundezas, incendiava, destruia, via pela imensidão do etéreo, e via terra, os povos de todos os continentes, por toda parte, percorrendo as trevas, e o dia. Em opção, a seu aspecto todos os obstáculos vergão.

Da palavra fui eu — parábola — expressão do pensamento por meio da voz, a palavra ligou-me a Deus!

De tempos inmemoriais a palavra tem sido uma das principais causas de desordem entre os philosophos. Uns querem que ella tivesse sido recebida por Deus, como o seu mais importante legado ao homem; outros que elatoss — só inventada ou recebida por tradição.

Para resolver esta questão, é necessário remontar à origem tanto do pensamento, como da palavra, porque a correlação entre uma e outra coisa não se funda sómente em que a palavra é a linguagem ou expressão, mas também que elia é um dos elementos da formação do pensamento.

A dúvida, por mim travada entre os philosophos, não é determinar se de facto os homens a inventaram ou se elles a tiverão de Deus; mas se é possível ao homem inventar uma primeira linguagem: não é uma questão de facto, mas de carlos arrazoado hypothetico.

Condillac — supõe-lhe uma primeira linguagem inventada pelos homens — descreveu o methodo que elles deverão ter seguido: — 1.º começando pela linguagem de ação, a qual, depois designarão por sons imitativos certos phenomenos da natureza, tais como o retumbar do trovão, o sibilar do vento, etc.; 2.º as sensíveis passando às insensíveis, exprimirão, por sons articulados, os objectos segundo sua analogia com as sensíveis; 3.º comparando suas sensações com suas idéas investigarão suas relações: sentirão novas necessidades, e inventarão termos novos para as significar.

João Joep — Isto sera, discutindo essa opinião de Condillac, espartido com as dificuldades que nella se encontrão, declara-se — «convencido da impossibilidade que é demonstrada de ter a linguagem nascido e se estabelecido por meio puramente humano».

De Bonald sustenta que a invención da linguagem era impossível ao homem, suas rases se fundam na observação e na historia: 1.º a palavra é de alguma maneira o corpo do pensamento. O pensamento se revela ao homem com a expressão e pela expressão, por conseguinte — é necessário que o homem pense a palavra, antes de pronunciar seu pensamento.

Muitos factos confirmam essa opinião: os surdos-mudos de nascença quando não reúnem nenhuma alguma, ficam estranhos ao mundo intelectual e moral. 2.º tem havido em diferentes épocas alguns individuos completamente isolados da sociedade, que se conservavão em um estado vizinho ao do animal, por exemplo, a mulher selvagem, acerca da qual Racine fala nos d'alguns idílios; o homem achado no seculo passado nas florestas da Lithuania; o "louco" d'Aveyron que vivia no começo deste seculo, etc. 3.º observam factos curiosos de raques e dragens, tezumilhas e outras coisas

Elle, que na decretou a sua morte preferiu a impunidade de Joao Braga, que pouco antes havia declarado o seu apoio ao appelo, porque ou não declarar princípios contra o de Dom Cabral? Elle já não podia como este dirigir a palavra a seu juiz e a infeliz dom de um excentrado, exclamando como este exclamou — «talvez o deputado é muito mais do que eu aterrorizados com a sentença que acudiu». «De modo, profanando em nome de um *Deus da misericordia*!»

Este quadro é per deus et papam dicio. Fundemol o como fundo es-
luta cosmologica em 1735. Um Papa justo e ilustrado amoulo a im-
pulsar a que um scola de artes nova comunitaria a Galileu.

Veneceu alfin a intelligença. O progresso é sempre intrepido immortel-douro. O Prometheus grega é talvez no symbolo mythologico, que o tragicó Eschylo tão bem desenhou, — um dia vila o espírito humano contendo em si a intelligencia, essa é a luta eterna; e embora perseguido continuamente, sofrendo combates fatais, aos embates com a violencia, fulminado em suas onusadas inspirações, bradará sempre — Avante! Mas antes que as innovações se transformem em uma verdade social, o embrutecimento retarda-lhe por mil formas impensáveis, que em verdade nunca de todo cessão, mas que se tornão por vezes tão leves, como as punições do Destino. Chega, com tudo, um dia, em que a ideia acaba finalmente de subir o ultimo d'grão do alcaçar rutilante da sabedoria. Na Cosmologia, (como em tudo o que é radical), só depois das pilhas de sacrifícios e holocaustos de athleticos denodados paladinos, pôde o mundo o progresso superar os orgulhosos bastiões do estúpido pelantismo, — os quais — pelo espírito das trevas personificado nos pseudo-defensores das prerrogativas do Altíssimo, prerrogativa que, por desejo inhecidas, eram aliás totalmente irreconciliadas.

Descrevemos agora o sistema de Túlio-Brabot e de Copérnico.

Continued.

A. PRELIMINA.

(Continua. A seguir o artigo intitulado o — HOMEM.)

A expressão articulada do pensamento, um dos dotes mais miraculosos com que a Divindade ornou o homem, merece um lugar distinto nesta colecção de artigos.

A palavra, que corta todo o apetite da terra, dá ao homem superioridade tal sobre todos os outros seres, que elles em mudo silencio prostrão-se perante o dominador.

A palavra é o interprete da intelligença, portanto do genio; todos os melhoramentos, todos os progressos, todos os conhecimentos humanos, todos os feitos grandiosos que o homem fez no mundo são devidos à palavra!

Ella edifica cidades, lanchados pel' terra as florestas mais cerradas, doma o oceano, tornando-o um lago de mil passos, uma passagem quotidiana de suas viagens. As regas que nascem no seu leito, não se poderão subtrair ao jugo

Revolução. — N'aquele época os antigos e temis tradicionais, de 22 séculos para trás, eram habitados em conceitos fundados, tornava repugnante as reputações heréticas, inovações.

E um fatto comprovado com inúmeros exemplos, que mesmo alterações de pequeno alcance já mudam consideravelmente incômodos de um só jacto; e se isso acontece com qualquer pessoa ou a que o homem se tenha habituado, quantos mais desse tipo devem encontrar uma mudança radical, e em tão transcendente objecto como é a composição do Universo. Ainda hoje, si calhar-se-lhe a alma de pessoa menos intrinca, e pela primeira vez, a teoria cosmológica, talvez actualmente definida, e leitor que desde o berço já tem ouvido explicações tão diversas, e tão mesquinhos, reconhecendo aliás que ficarão em sua posse a infinitamente menor, por assim dizer, do que uma molécula, ou a stria, um ponto imperceptível, infinitesimal frangido d'um ato que na compreensão da estrutura da mole incalculável dos mundos, sua primeira impressão é de que se o torpor do assombro; á qual talvez se não siga logo a compreensão de quanto o novo sistema justifica a *immensidão do Criador* — palpitarando a validade do ateísmo; antes, como é próprio da limitada compreensão humana, e quando se acha clevada pelos preconceitos que as tradições lhe fizeram mentir, ao torpor seguir-se-há a incredulidade, por não poder compreender-se sem grande esforço do ideal que alimentaria, do juiz ilusorio que a ignorância presume possuir em tudo o que o Omnipotente criaria no Universo, esteja ou não ao seu alcance. Révolta-se sempre o amor proprio com o rebaixamento de sua natureza, coagido a despir-se dos absurdos com que se enbalava sólisongeiros do egoísmo. E é por isso que tanto custou a consolidação d'este sistema.

Corria ja o século 16, quando um novo campeão se apresenta denodado. Nicolao Copérnico atingiu-se a desenvolver os principios cosmológicos de Aristarcho e Cleanthes, de Heracides e Philolao, etc. Iscreve e vulgarisa o seu tratado das —*Rotações celestes*— com argumentos a seu ver irrespondíveis. Pois bem. Este novo zênia nem chegou a tragat o calix que se lhe preparava como aos predecessores sectários da mesma doutrina. Findou seus dias antes da célebre condemnação por herética, irrogada á sua obra pela Congregação do Index!

Logo depois estabelece Ticho-Brahe o seu sistema mixto, mais filho do terror religioso e loquacitez de suas proprias convicções, visto que ja podião exhibir-se melhor as provas do de Copérnico; mas o novo sistema de Ticho-Brahe não previveu muito tempo.

Apparece bem o do novo propagador pelo de Copérnico. Galiléo, astronomo profundo, já e cuidado nas leis do movimento, que tornarão imortal esse outro zênia de Wittenberg, e armado de instrumentos ópticos aperfeiçoados ja entre tanto, com os cálculos provenientes de observações acuradas, sustenta o sistema condenado. Ainda porém não soára a hora da persuasão. O prelado que obtém é o ser arrastado, embora ja decrepito, ao carcere inquérito, e ali forçado a supportar não só a dôr pungente de ver condenar todos o fundo de suas puríssimas lucubrações, que lhe havião occasionado a perda da vista, mas ainda mais o ludibrio, a abjeccão de assignar uma abjutoria — obreiro de sua doutrina, lançando-lhe o estigma d'erronea. Abjutorio, por que talvez ente indispensável e concedida que irrisão! por mercê, aliás que com ella podia subtrahir-se á inquisitorial fogueira!